



**GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA ADJUNTA DA EDUCAÇÃO BÁSICA – SAEB**

**3º SÉRIE – ENSINO MÉDIO**

**CADERNO 2  
MATERIAL DO ALUNO**

**FILOSOFIA**

**Elaboração:**

Lílian Gabriela Rodrigues Lobato  
Raphael Pinheiro Palheta

## Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>XX</b>
<b>Semana 1: A relação entre arte e Filosofia na Grécia Antiga .....</b>	<b>XX</b>
Organização Curricular .....	XX
Resumo Teórico .....	XX
Questões/itens .....	XX
Quadro de habilidades e descritores .....	XX
<b>Semana 2: As principais ideias de Kant sobre o juízo estético.....</b>	<b>XX</b>
Organização Curricular .....	XX
Resumo Teórico .....	XX
Questões/itens .....	XX
Quadro de habilidades e descritores .....	XX
<b>Semana 3: As reflexões estéticas em Hegel.....</b>	<b>XX</b>
Organização Curricular .....	XX
Resumo Teórico .....	XX
Questões/itens .....	XX
Quadro de habilidades e descritores .....	XX
<b>Semana 4: A Indústria cultural e a cultura de massa.....</b>	<b>XX</b>
Organização Curricular.....	XX
Resumo Teórico .....	XX
Questões/itens .....	XX
Quadro de habilidades e descritores .....	XX
<b>Referências.....</b>	<b>XX</b>

## **Apresentação**

Olá, Estudante! Que bom vê-lo(a) por aqui!

Este Caderno foi pensado para você, aluno(a) da Educação Básica do Estado do Pará. Por isso, o material foi escrito de forma que você pudesse oportunamente (1) mobilizar os saberes do seu componente curricular e/ou da sua área, por meio de habilidades apontadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC); (2) acionar, por meio dos descritores prioritários de Língua Portuguesa e/ou de Matemática, proficiência leitora e do pensamento lógico-matemático necessários à compreensão do componente Filosofia e, não menos importante, (3) garantir seus direitos de aprendizagem ao longo de sua trajetória educacional.

O caderno de Filosofia segue o mesmo padrão dos demais. Para cada **semana** de aula proposta há um **organizador curricular** estruturado da seguinte forma: unidade temática de área/componente, objeto de conhecimento e habilidade da BNCC e, em seguida, **resumo teórico** que ajuda a entender melhor os conhecimentos necessários para resolver as questões, depois há **3 questões/itens**, construídos conforme as diretrizes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). São ao todo 12 questões/itens para exercitar e consolidar a aprendizagem.

Este caderno, portanto, busca integrar as áreas do conhecimento visando contribuir com a sua formação plena, desenvolvendo múltiplas habilidades necessárias não somente para o SAEB/ENEM, mas também para a leitura crítica da realidade e intervenção no mundo.

Bons estudos!

# FILOSOFIA

## 1ª SEMANA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Filosofia da arte ou Estética	A arte como mimesis: Platão e Aristóteles.	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

## SEMANA 1 – A RELAÇÃO ENTRE ARTE E FILOSOFIA NA GRÉCIA ANTIGA

### RESUMO TEÓRICO:

A estética constitui uma área de investigação da filosofia que tem como objeto de estudo a “arte” e o “belo”. O termo foi cunhado pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) e remete a expressão grega *aisthesis* que significa “percepção através dos sentidos e/ou dos sentimentos”, “faculdade de sentir”, ou ainda “compreensão pelos sentidos”.

Assim, as questões mais centrais da estética são: O que é a arte? É possível defini-la ou ela escapa a toda e qualquer definição última? Qual é o papel da arte nas sociedades humanas? Quais os seus limites? Já em relação ao conceito do belo, a estética tenta responder: A beleza pode ser definida? Ela se encontra no objeto observado ou no sujeito que a contempla? Como interpretar os padrões de beleza que surgem em dados contextos culturais?

Frequentemente, associamos a arte e a beleza mais aos sentidos do que à reflexão e à racionalidade. Por isso, pode nos causar estranheza pensarmos em uma ciência da sensibilidade, o que tornaria a estética uma “ciência de exceção”. No entanto, essa ideia é questionável, como procuraremos demonstrar ao longo das próximas aulas, pois há uma participação da inteligência na fruição da beleza na obra de arte.

Para esclarecermos essa relação entre inteligível e sensível na arte, faremos um resgate do pensamento estético na antiguidade (Platão e Aristóteles) e, posteriormente, apresentaremos os novos contornos que as reflexões estéticas assumem na modernidade (Kant e Hegel), e por fim, mas sem a pretensão de esgotar o assunto, traremos algumas reflexões sobre a arte no contexto da indústria cultural e cultura de massa (Adorno e Horkheimer).

A arte é capaz de dizer a verdade? Existem duas maneiras clássicas e paradigmáticas de responder a essa questão. Vejamos:

### **Platão e a ameaça ética e epistemológica da Arte**

Para compreender a estética platônica precisamos ter em mente sua famosa Teoria das Ideias, segundo a qual, a realidade sensível, isto é, a que apreendemos por meio dos nossos sentidos não corresponde à verdade, ou seja, não passa de uma cópia do mundo inteligível, onde reside a Verdade e a Essência das coisas.

Ora, se a arte, no contexto da Grécia Antiga, era compreendida como uma mimesis, ou seja, uma imitação da realidade, então o artista, segundo Platão, ao tentar representar a realidade por meio da arte estaria a três graus de distância da verdade, ou seja, muito longe de ter uma compreensão verdadeira sobre a realidade. O artista seria apenas um imitador, um criador de “simulacros” e, portanto, deveria ser expulso da cidade Ideal que Platão apresenta em sua obra, “A República”.

Para Platão, o surgimento da arte na sociedade é expressão de um excesso, algo supérfluo em um modelo de organização social baseado em necessidades racionais. Por isso, a arte representaria uma dupla ameaça: epistemológica e ética. Do ponto de vista epistemológico, porque a arte enquanto mimesis nos desviaria da busca pela verdade. E do ponto de vista ético, porque a arte despertaria aspectos irracionais, estimulando paixões e afetos que poderiam comprometer a boa convivência, uma vez que, para Platão, a vida em sociedade dependeria de uma certa *a-pathia* (em grego, “ausência de pathos” = afeto, paixão, sentimento). Para não comprometer a harmonia, organização, justiça e felicidade, Platão então defende que o artista deveria ser expulso da cidade (Cf. A República, 606a).

### **Aristóteles e o potencial pedagógico e purificador da Arte**

Apesar de ser discípulo de Platão, Aristóteles se distancia de seu mestre em muitos aspectos, inclusive, a respeito da mimesis (imitação). Enquanto Platão via na mimesis não apenas uma tentativa de reprodução da realidade, mas algo de natureza inferior, inadequada e ameaçadora, Aristóteles, em sua obra “Poética”, defende que a mimesis é algo inerente ao ser humano e por meio dela adquirimos nossos primeiros conhecimentos e experimentamos prazer.

Desse modo, a arte, enquanto mimesis, pode ter um papel pedagógico, visto que somos educados através da observação e imitação. E mais do que nos apresentar como as coisas foram ou são, a arte também é um exercício de alargamento da nossa imaginação para a reinvenção da realidade, por isso, conforme Aristóteles, a arte seria ainda mais séria do que a história.

Além disso, Aristóteles enxerga na arte um efeito purificador, denominado “catarse”, um termo oriundo da medicina e que significa “processo de purgação dos elementos perniciosos presentes no corpo”. Através das mais variadas expressões artísticas como a música, o teatro e a poesia, o espectador é estimulado a experimentar afetos como o medo, a piedade ou o entusiasmo, sem cair em descontrole ou desespero. Após a catarse vem o alívio, a sensação de equilíbrio. Isto porque a arte pode trazer questões inerentes à condição humana com um certo distanciamento, levando o sujeito a refletir sobre a experiência estética e fortalecendo o senso de pertencimento e comunidade, uma vez que, diferentemente de Platão, Aristóteles defendia que a boa convivência não depende de apatia, mas do equilíbrio entre razão e afetividade.

A reflexão aristotélica sobre a arte responde a muitas críticas levantadas por Platão. Mas abre novas discussões: a arte teria que cumprir sempre uma função edificante, como parece sugerir Aristóteles? Historicamente, as obras de arte foram usadas como veículos de mensagens políticas, religiosas, ideológicas. No entanto, cabe refletirmos se a função primordial da arte é atender aos interesses do Estado, às leis ou à educação, isto é, se a legitimidade da arte reside em um fim que a transcenda.

## QUESTÕES/ITENS

01.

Ao definir a estética como a disciplina do conhecimento sensível, colocando o belo no centro de suas investigações, muito embora não a defina exatamente em termos de uma ciência do belo, Baumgarten pretende superar o preconceito que decorre do fato de que a relação entre a arte e a fruição do belo seria considerada como assunto exclusivo da sensibilidade e distante da reflexão filosófica.

CECIM, Arthur. **Baumgarten, Kant e a teoria do belo**. Revista Parallaxe. São Paulo, v.02, n. 01, 2014.

Com base no texto acima, Baumgarten

- (A) propõe uma ciência do belo.
- (B) trata o belo como tema alheio à estética.
- (C) defende a exclusão do belo da reflexão filosófica.
- (D) promove a redução do belo à experiência sensível.
- (E) articula sensibilidade e filosofia na abordagem do belo.

02.

Sócrates: E se afirmo que a nossa cidade foi fundada da maneira mais correta possível, é, sobretudo, pensando no nosso regulamento sobre a poesia que o digo.

Glauco: Que regulamento?

Sócrates: O de não admitir em nenhum caso a poesia imitativa. Parece-me mais do que evidente que seja absolutamente necessário recusar admiti-lo,

agora que estabelecemos uma distinção clara entre os diversos elementos da alma.

Glauco: Não compreendi bem.

Sócrates: Digo, sabendo que não ireis denunciar-me aos poetas trágicos e aos outros imitadores, que, segundo creio, todas as obras deste gênero arruínam o espírito dos que as escutam, quando não têm o antídoto, isto é, o conhecimento do que elas são realmente.

Platão. **A República**, Livro X, p. 257.

Através dos argumentos apresentados por Sócrates, Platão sustenta que a poesia

- (A) privilegia o acesso ao mundo inteligível.
- (B) auxilia na apreensão de valores morais como a justiça.
- (C) exerce efeito purificador indispensável ao bom convívio social.
- (D) imita a realidade, corrompe a alma e desvia do conhecimento verdadeiro.
- (E) desempenha papel essencial para o aprimoramento moral e intelectual dos cidadãos.

### 03.

#### TEXTO I

A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição.

Platão. **A República**, p.457.

#### TEXTO II

A tendência para a imitação é instintiva no homem (...) Os seres humanos sentem prazer em olhar para as imagens que reproduzem objetos. A contemplação delas os instrui, e os induz a discorrer sobre cada uma, ou a discernir nas imagens as pessoas deste ou daquele sujeito conhecido.

Aristóteles. **Poética**, p. 203.

Com base na leitura dos textos

(A) Platão enxerga a arte como uma ameaça epistemológica, Aristóteles a entende como uma ameaça ética.

(B) Platão valoriza a arte como instrumento de educação moral, Aristóteles a rejeita por seu caráter ilusório.

(C) Platão acredita que a arte reflete a essência das coisas, Aristóteles defende que a arte está a três graus de distância da verdade.

(D) Platão vê o caráter mimético da arte como algo inferior, Aristóteles reconhece um potencial purificador e pedagógico na mimesis.

(E) Platão compreende a arte como uma forma de alcançar a verdade, Aristóteles acredita que a arte é uma imitação distorcida da realidade.

## 2ª SEMANA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Filosofia da arte ou Estética	Kant e o juízo estético	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

## SEMANA 2 – AS PRINCIPAIS IDEIAS DE KANT SOBRE O JUÍZO ESTÉTICO

### RESUMO TEÓRICO:

A beleza está nos olhos de quem vê ou a beleza é um atributo do objeto contemplado? Gosto se discute? O que torna algo belo: suas qualidades objetivas ou a experiência subjetiva de quem observa?

Para Kant (1724 – 1804), a beleza é aquilo que agrada universalmente, ainda que não possa ser racionalmente justificada. Uma obra de arte bela é aquela que é agradável ao sujeito que contempla. Trata-se, portanto, de um sentimento subjetivo de prazer naquele que observa uma obra de arte. Observamos, assim, um deslocamento da atenção do objeto contemplado para o sujeito que o contempla. Por isso, alguns intérpretes vêem as reflexões estéticas de Kant como uma Teoria do Gosto ou ainda como Estética da Recepção e não da Produção ou Criação.

No entanto, ainda que sejamos sujeitos singulares, para Kant, seria possível a universalização do juízo estético. Isso porque as características da mente humana que permitem o juízo estético são as mesmas presentes em todos nós.

Dessa forma, o filósofo procurou conciliar formulações que, de um lado, reduzissem o juízo estético ao gosto do observador, e do outro, focassem estritamente nas propriedades do objeto contemplado. Para ele, o belo emerge, portanto, da relação entre sujeito e objeto.

### **Características do belo**

Aquilo que agrada sem interesse: a experiência estética é pura e desinteressada porque não está ligada a uma lógica utilitarista de necessidades e desejos.

Aquilo que agrada universalmente: não significa que todos irão reconhecer a beleza em um determinado objeto, mas que todos nós possuímos uma estrutura comum que permite o juízo estético.

A forma da finalidade de um objeto: a forma do objeto transmite uma sensação de "finalidade" porque ele parece estar organizado de maneira a cumprir sua função estética de forma perfeita, ainda que essa função não seja utilitária.

Aquilo que não é conceitualmente reconhecido: a experiência do belo não é mediada por conceitos prévios, é uma experiência direta, intuitiva. Isso não significa que seja irracional, uma vez que, a experiência estética depende da articulação entre imaginação e entendimento.

### **O conceito de sublime**

Sublime matemático: refere-se à imensidão, ao tamanho desmedido de algo que excede a nossa capacidade de compreensão sensorial – como o céu estrelado ou o oceano.

Sublime dinâmico: está ligado à força da natureza – como uma tempestade, um vulcão, uma montanha imponente – que poderia nos destruir fisicamente, mas que, contemplada à distância, desperta uma emoção intensa.

Diante do sublime, experimentamos uma humilhação decorrente do confronto com a nossa própria finitude, fragilidade e vulnerabilidade. Porém, ao mesmo tempo, experimentamos também a percepção de que apesar de nossas limitações físicas, somos dotados de uma racionalidade com potencialidade infinita.

### **O gênio e a arte**

A capacidade de criar com originalidade e naturalidade caracteriza o gênio - uma disposição inata presente em alguns indivíduos, que os torna aptos a produzir obras belas como se fossem frutos de uma inspiração involuntária. No entanto, o gênio não se reduz a um mero artesão hábil. Para Kant, ele é aquele que cria o que não pode ser ensinado. Sua genialidade está em expressar ideias estéticas — representações que não se encerram em conceitos racionais, mas que evocam sentimentos e provocam reflexão.

A originalidade é, portanto, inseparável do gênio: ele não segue modelos ou regras fixas, mas suas criações tornam-se referência para outros. Desse modo, o gênio artístico está ligado à liberdade criadora e à capacidade de comunicar uma experiência estética universal, sem depender de imitação nem de utilidade prática.

## **QUESTÕES/ITENS**

**04.**

TEXTO I



Rosa meditativa, de Salvador Dalí.

## Texto II

A rosa é rosa sem porquê; a rosa floresce porque floresce.

SILESIIUS, Angelus. **Peregrino Querubínico**. I 289

## TEXTO III

Belo é aquilo que agrada sem interesse.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Trad. Fernando Costa Mattos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

Tanto a imagem quanto o poema dialogam com a concepção estética de Kant, segundo a qual o belo:

- (A) contenta sem finalidade, regra e interesse.
- (B) resulta de proporção e de regras objetivas.
- (C) satisfaz a todos, por força da razão comum.
- (D) valoriza o simbólico e transmite lição moral.
- (E) reflete normas e convenções sociais estabelecidas.

## 05.

Rochedos audazes sobressaindo-se por assim dizer ameaçadores, nuvens carregadas acumulando-se no céu, avançando com relâmpagos e estampidos, vulcões em sua inteira força destruidora, furacões com a

devastação deixada para trás, o ilimitado oceano revolto, uma alta queda d'água de um rio poderoso etc. tornam nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com o seu poder. Mas o seu espetáculo só se torna tanto mais atraente quanto mais terrível ele é, contanto que, somente, nos encontremos em segurança.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. António Marques e Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 107.

Com base no texto, a experiência descrita é de

- (A) sublime dinâmico, superado pela razão.
- (B) juízo do belo, fundado na harmonia da forma.
- (C) temor natural, que revela a fraqueza do sujeito.
- (D) arte autônoma, que afirma a liberdade do gênio.
- (E) sublime matemático, causado pela imensidão do objeto.

**06**

Gênio é a inata disposição de ânimo (ingenium) pela qual a natureza dá regra à arte.

KANT, Immanuel. **Textos Selecionados**. Tradução de Tania Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores, v. II.

A citação acima aborda o conceito de gênio, que, segundo Kant, resulta de

- (A) regras da arte pela técnica aprendida.
- (B) imposição de regras fixadas pela natureza.
- (C) disciplina adquirida pelo comprometimento.
- (D) aprendizado formal pelo treinamento rigoroso.
- (E) disposição natural orientada pela criação artística.

### 3ª SEMANA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Filosofia da arte ou Estética	Hegel e a historicidade do Gosto e do Belo.	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

## SEMANA 2 – AS REFLEXÕES ESTÉTICAS EM HEGEL

### RESUMO TEÓRICO:

Hegel (1770-1831) compreende a arte e a beleza dentro de uma perspectiva histórica e filosófica profunda. Para ele, o que consideramos belo não é algo fixo ou universal, mas depende do momento histórico e do desenvolvimento cultural de uma sociedade. Em outras palavras, a noção de beleza varia conforme o contexto social e espiritual de cada época.

Ao analisar a história da arte, da Antiguidade até seu próprio tempo, Hegel mostra que as formas artísticas refletem diferentes visões de mundo e diferentes estágios do desenvolvimento do espírito humano. Assim, uma escultura grega clássica e uma pintura religiosa medieval, embora muito distintas, são expressões igualmente válidas do belo — cada uma representando, de forma sensível, as ideias e valores espirituais de seu tempo.

Essa concepção leva Hegel a distinguir entre o belo natural (presente na natureza) e o belo artístico. Para ele, o segundo é superior porque nasce da consciência humana, da intenção de expressar algo espiritualmente significativo por meio da forma sensível. A beleza artística, portanto, não se resume ao prazer que uma obra pode causar aos sentidos, mas à sua capacidade de comunicar um conteúdo cultural e histórico. Mesmo uma

representação do que é feio pode ser bela — desde que ela revele de modo profundo o significado do feio, e nos faça refletir sobre ele.

Nesse contexto, Hegel também critica a ideia de “gosto” como critério absoluto para julgar a arte. Embora o gosto seja a faculdade individual de julgar o que é agradável ou não, ele é limitado justamente por sua subjetividade. O gosto está ligado às experiências individuais, mas para compreender verdadeiramente a arte, é necessário superar o julgamento meramente sensorial e buscar o significado mais amplo da obra.

Contudo, isso não quer dizer que Hegel despreze completamente o gosto ou a experiência subjetiva. Ao contrário, ele entende que a capacidade estética (de ver, ouvir, sentir) é formada pelas relações sociais e históricas vividas por cada pessoa. Por isso, apreciar a arte exige um certo amadurecimento cultural, ou seja, uma ampliação da nossa capacidade de recepção. Essa sensibilidade não é natural ou inata: ela se desenvolve com a educação, com o contato com diferentes expressões artísticas e com a compreensão do mundo ao nosso redor.

Por fim, a função da arte, para Hegel, não é apenas provocar prazer, mas mostrar, de modo sensível, a evolução do espírito humano. A obra de arte é bela quando consegue traduzir em formas visíveis e tocantes os grandes movimentos da história, da cultura e da consciência humana.

## **QUESTÕES/ITENS**

### **07**

Para Hegel, a arte apresenta a realidade e a liberdade do espírito na forma sensível. Ela apresenta imediatamente, na forma sensível, toda a gama de relações humanas, com seus sentimentos, ações, paixões, conflitos, estados etc. Diferentemente, a filosofia apreende toda essa mesma realidade e liberdade das relações humanas no pensamento, a partir do pensamento, no conceito.

Com base no texto e na filosofia hegeliana, acerca da relação entre a arte e filosofia, o filósofo defende que a

- (A) filosofia e a arte se opõem, pois uma ignora a realidade e a outra nega o espírito.
- (B) filosofia e a arte retratam os sentimentos humanos por meio de imagens sensíveis.
- (C) arte e a filosofia são formas idênticas de expressão do espírito, pois usam conceitos.
- (D) arte e a Filosofia expressam a liberdade do espírito por meio da lógica e da razão.
- (E) filosofia expressa a condição humana com conceitos e a arte de forma sensível.

08



A imagem acima dialoga com as reflexões hegelianas a respeito do belo e do gosto, pois

- A) indica que o belo depende de proporções corporais universais.
- B) revela a permanência dos padrões estéticos ao longo da história.
- C) demonstra que o gosto se baseia em critérios racionais imutáveis.
- D) mostra que a beleza varia conforme o tempo e o contexto cultural.
- E) sugere que os padrões evoluem rumo a uma forma ideal e definitiva.

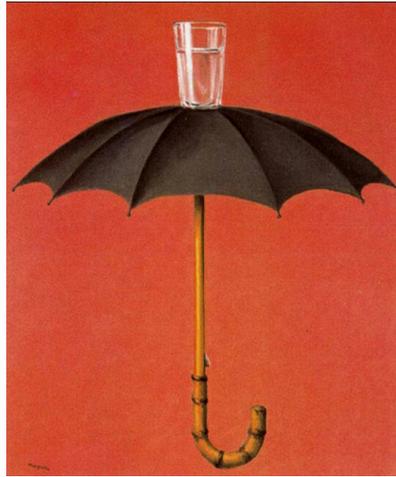
**09**

#### TEXTO I

Para Hegel, a dialética é uma forma de pensamento concreto, na medida em que é capaz de perceber que a realidade não é simples, nem homogênea, mas marcada por diferenças e contradições. Nesse sentido, o filósofo alemão talvez apreciasse o quadro “As férias de Hegel” (1953), em que Magritte faz uma homenagem à dialética. O artista francês imaginou o filósofo como se estivesse de férias de seu trabalho filosófico, ao ver na mesma tela objetos tão opostos, como um copo, que contém água, e um guarda-chuva, que a repele. Observe que, dispostos um sobre o outro, suas funções se invertem: o copo expulsa a água e o guarda chuva, torna-se capaz de contê-la.

FEITOSA, Charles. **Explicando filosofia com arte**, p. 34. (adaptado).

#### TEXTO II



(As férias de Hegel - René Magritte)

Demonstrando como a Filosofia e a Arte podem se ocupar da mesma questão mas se expressando de formas diferentes, a pintura de Magritte é uma expressão sensível do conceito hegeliano de “dialética” porque

- (A) expressa, na união dos elementos, a harmonia entre o real e o ideal.
- (B) revela, na justaposição dos objetos, o movimento da tese, antítese e síntese.
- (C) evidencia, na desconexão simbólica, a negação do sentido filosófico na arte.
- (D) representa, na inversão das funções, a ruptura entre razão e aparência sensível.
- (E) reforça, na oposição das formas, a separação entre arte e pensamento conceitual.

#### 4ª SEMANA

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Filosofia da arte ou Estética	A arte no contexto da Indústria Cultural e Cultura de Massa.	(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

### SEMANA 4 – A INDÚSTRIA CULTURAL E A CULTURA DE MASSA

#### RESUMO TEÓRICO:

A teoria crítica desenvolvida pela Escola de Frankfurt oferece importantes ferramentas para compreender a sociedade contemporânea. Um de seus conceitos centrais é o de sociedade de massas, que descreve um contexto em que o avanço tecnológico não serve à emancipação humana, mas está a serviço da lógica capitalista. Nessa sociedade, os valores do mercado se estendem para além da economia e passam a moldar também o lazer, a arte e a cultura. O consumo e a diversão assumem o papel de mascarar as contradições e desigualdades estruturais do sistema, criando uma aparência de normalidade e satisfação.

Dentro dessa perspectiva crítica, outro conceito fundamental é o de Indústria Cultural. Esse termo descreve o processo pelo qual os meios de comunicação de massa, controlados por grupos econômicos, transformam o entretenimento em um produto passivo, padronizado e voltado exclusivamente ao lucro. O que poderia ser uma experiência de expressão e criatividade se torna mais uma mercadoria. Esse processo leva à alienação do indivíduo, afastando-o tanto da realidade quanto da sua capacidade de refletir criticamente sobre o mundo. Assim como o trabalhador é separado do fruto de seu trabalho, o sujeito também é excluído da produção de sentidos e símbolos culturais que poderiam orientá-lo na vida em sociedade.

Nesse contexto, a cultura de massas surge como um fenômeno marcado pela manipulação e pela homogeneização. As produções culturais — como filmes, fotografia, músicas, livros e outras formas de arte — passam a obedecer a uma lógica de mercado, priorizando o consumo em larga escala em detrimento da qualidade estética e do potencial crítico da arte. Com isso, perde-se a capacidade de provocar reflexão e questionamento, e reforça-se uma cultura superficial, voltada ao entretenimento imediato.

Adorno e Horkheimer, dois dos principais pensadores da Escola de Frankfurt, apontam que o cinema e a música são os produtos mais diretamente apropriados pela Indústria Cultural. Um exemplo atual disso é a predominância de filmes estrangeiros, especialmente norte-americanos, nos cinemas brasileiros — muitos dos quais pertencem aos gêneros de ação e comédia. Essas produções, em geral, evitam provocar reflexão e reforçam uma lógica de distração e conformismo, contribuindo para o fortalecimento de uma consciência alienada.

Além disso, é importante distinguir dois conceitos frequentemente confundidos: cultura popular e cultura de massa. Embora muitos tratem essas expressões como sinônimos, elas têm significados distintos.

A cultura de massa é frequentemente associada à alienação e à padronização, sendo divulgada como a cultura dos “sem rosto” — isto é, uma produção voltada a um público amplo, mas sem identidade própria. Essa alienação é um dos mecanismos que permite à classe dominante manter a exploração do trabalhador, pois dificulta a percepção crítica da realidade. A cultura de massa, portanto, não apenas resulta de um processo alienado, como também aliena o povo, impedindo-o de perceber os problemas sociais à sua volta e de buscar transformações significativas.

Já a cultura popular representa a identidade viva de um povo. Ela está enraizada nas tradições, danças, músicas, costumes e práticas cotidianas que unem uma comunidade. Ao contrário da cultura de massa, a cultura popular nasce da experiência concreta das pessoas e carrega consigo a força simbólica e expressiva de sua realidade. Por isso, é essencial não confundir esses dois conceitos: enquanto a cultura de massa tende à homogeneização e à alienação, a cultura popular expressa diversidade, resistência e pertencimento.

O empobrecimento da experiência estética é o que Adorno denominou semicultura: uma cultura pela metade, moldada pelas exigências do mercado e incapaz de promover o desenvolvimento pleno do indivíduo. Na prática, isso significa que consumimos músicas e assistimos a filmes não com base em uma escolha livre, mas entre as opções previamente determinadas pela indústria. A sensação de liberdade é ilusória, pois estamos sempre dentro dos limites definidos pelo mercado.

Diante disso, os conceitos de Indústria Cultural e Cultura de Massas seguem sendo extremamente atuais para analisar o funcionamento das sociedades contemporâneas. Eles nos ajudam a entender como o capitalismo não apenas organiza a economia, mas também captura o imaginário, os desejos e as formas de expressão humana — ao passo que a valorização da cultura popular pode abrir caminhos para uma resistência simbólica e social mais potente.

## QUESTÕES/ITENS

### 10.

Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:**  
fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Com base no texto, a liberdade de escolha promovida pela indústria cultural

- (A) estimula o pensamento crítico ao oferecer múltiplas opções culturais.
- (B) expressa uma aparência de liberdade condicionada por forças econômicas.

(C) fortalece a autonomia espiritual ao permitir acesso a diferentes formas de arte.

(D) assegura ao indivíduo a possibilidade de consumir produtos autênticos e variados.

(E) representa uma conquista social que garante diversidade de experiências culturais.

**11.**

Quinze minutos de fama

Mais um pros comerciais

Quinze minutos de fama

Depois descansa em paz

O gênio da última hora

É o idiota do ano seguinte

O último novo rico

É o mais novo pedinte

A melhor banda de todos os tempos da última semana

O melhor disco brasileiro de música americana

O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado

O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores fracassos

MELLO, B.; BRITTO, S. **A melhor banda de todos os tempos da última semana**. São Paulo: Abril Music, 2001 (fragmento).

A crítica presente na música dialoga com as reflexões de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, pois:

(A) a valorização da arte está dissociada da lógica do mercado.

(B) a música popular brasileira atual busca preservar a tradição cultural nacional.

(C) a cultura de massa promove o engajamento crítico do público.

(D) a indústria cultural transforma bens artísticos em produtos descartáveis.

(E) hoje em dia o sucesso musical duradouro depende da qualidade estética da obra.

12.

TEXTO I



TEXTO II

Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
ser pensante, sentinte e solidário  
com outros seres diversos e conscientes  
de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio,  
ora vulgar ora bizarro,  
em língua nacional ou em qualquer língua  
(qualquer, principalmente).

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Eu, Etiqueta**. Disponível em:  
<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/2309173>. Acesso em: 21 maio 2025.

Tanto a tirinha da Mafalda, quanto o poema "Eu, etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade, apresentam uma crítica à

- (A) liberdade de escolha dos consumidores incentivada pela indústria cultural.
- (B) valorização da autonomia individual frente à cultura de massa
- (C) transformação do sujeito em objeto de consumo pela indústria cultural
- (D) resistência da cultura popular diante das imposições da publicidade.
- (E) diversidade de experiências culturais dada pelos meios de comunicação.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CECIM, Arthur. Baumgarten, Kant e a teoria do belo: conhecimento das belas coisas ou belo pensamento? / Baumgarten, Kant and the theory of beautiful: knowledge of beautiful things or beautiful thought? **Revista PUC-SP**, 2014.

FEITOSA, Charles. **Explicando filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de António Marques e Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 107.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p. 457.

SILVA FILHO, A. V. **Poesia e prosa**: arte e filosofia na Estética de Hegel. Campinas, SP: Pontes, 2008.